

Práticas agrícolas e tecnologias sociais na cafeicultura do povo indígena Paiter Suruí: contribuições à agricultura familiar*Agricultural practices and social technologies in the coffee farming of the Paiter Suruí Indigenous people: contributions to family farming**Prácticas agrícolas y tecnologías sociales en la caficultura del pueblo indígena Paiter Suruí: contribuciones a la agricultura familiar*

DOI: 10.52641/cadcajv11i8.3510

Submitted on: 6.5.2026 | Accepted on: 7.2.2026 | Published on: 7.9.2026

Nayara Neves Ribeiro¹
Suzenir Aguiar da Silva²
Sergio Nunes de Jesus³
Simone Marçal Quintino⁴
Estela Pitwak Rossoni⁵
Rogerio Simão⁶

RESUMO: Este estudo identifica as práticas agrícolas e as tecnologias sociais empregadas na cafeicultura do povo Paiter Suruí, na Terra Indígena Sete de Setembro, em Cacoal, Rondônia, e analisa suas contribuições para a sustentabilidade e o fortalecimento da agricultura familiar, sob a perspectiva das Ciências Contábeis. A pesquisa, qualitativa, descritiva e exploratória, configura um estudo de caso construído pela triangulação de dados secundários. Parte-se da hipótese de que a preservação florestal e a valorização da ancestralidade não constituem entraves à viabilidade econômica, mas fatores de agregação de valor. Os resultados mostram que a produção se assenta em sistemas agroflorestais regidos por saberes tradicionais, que asseguram a segurança alimentar, e que a conversão da qualidade do grão em autonomia econômica depende de arranjos coletivos, certificações e reconhecimento territorial. As quatro dimensões da

¹ Graduanda em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - campus Cacoal, Cacoal, Rondônia, Brasil. E-mail: narayananeribe@gmail.com

² Doutora em Interdisciplinar, Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - campus Cacoal, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Agronegócios e Sustentabilidade (PPGAGRO), Cacoal, Rondônia, Brasil. E-mail: suzi@unir.br

³ Doutor em Educação, Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - campus Cacoal, Instituto Federal de Rondônia (IFRO), Cacoal, Rondônia, Brasil. E-mail: canibal30canibal@gmail.com

⁴ Doutora em Interdisciplinar, Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - campus Cacoal, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Agronegócios e Sustentabilidade (PPGAGRO), Cacoal, Rondônia, Brasil. E-mail: simone.marcal@unir.br

⁵ Doutora em Interdisciplinar, Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - campus Cacoal, Cacoal, Rondônia, Brasil. E-mail: estelapr@unir.br

⁶ Mestre em Interdisciplinar, Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - campus Cacoal, Cacoal, Rondônia, Brasil. E-mail: rogermcgoo@unir.br

sustentabilidade mostraram-se mutuamente dependentes, e a contabilidade revela-se capaz de mensurar e evidenciar esse valor, internalizado na precificação dos microlotes.

Palavras-chave: etnoconhecimento, sistemas agroflorestais, sustentabilidade multidimensional, Paiter Surui.

ABSTRACT: This study identifies the agricultural practices and social technologies employed in the coffee farming of the Paiter Suruí Indigenous people, in the Sete de Setembro Indigenous Land, in Cacoal, Rondônia, Brazil, and analyzes their contributions to sustainability and to the strengthening of family farming, from the perspective of Accounting Sciences. The qualitative, descriptive, and exploratory research configures a case study built through the triangulation of secondary data. It departs from the hypothesis that forest preservation and the appreciation of ancestrality do not constitute obstacles to economic viability, but factors of value creation. The results show that production is based on agroforestry systems governed by traditional knowledge, which ensure food security, and that converting the bean's quality into economic autonomy depends on collective arrangements, certifications, and territorial recognition. The four dimensions of sustainability proved mutually dependent, and accounting reveals itself capable of measuring and disclosing this value, internalized in the pricing of microlots.

Keywords: ethnoknowledge, agroforestry systems, multidimensional sustainability, Indigenous peoples.

RESUMEN: Este estudio identifica las prácticas agrícolas y las tecnologías sociales empleadas en la caficultura del pueblo Paiter Suruí, en la Tierra Indígena Sete de Setembro, en Cacoal, Rondônia, Brasil, y analiza sus contribuciones a la sostenibilidad y al fortalecimiento de la agricultura familiar, desde la perspectiva de las Ciencias Contables. La investigación, cualitativa, descriptiva y exploratoria, configura un estudio de caso construido mediante la triangulación de datos secundarios. Se parte de la hipótesis de que la preservación forestal y la valorización de la ancestralidad no constituyen obstáculos para la viabilidad económica, sino factores de agregación de valor. Los resultados muestran que la producción se asienta en sistemas agroforestales regidos por saberes tradicionales, que aseguran la seguridad alimentaria, y que la conversión de la calidad del grano en autonomía económica depende de arreglos colectivos, certificaciones y reconocimiento territorial. Las cuatro dimensiones de la sostenibilidad resultaron mutuamente dependientes, y la contabilidad se revela capaz de medir y evidenciar ese valor, internalizado en la fijación de precios de los microlotes.

Palabras clave: etnoconocimiento, sistemas agroforestales, sostenibilidad multidimensional, pueblos originarios.

1. INTRODUÇÃO

A cafeicultura amazônica carrega raízes históricas, sociais e econômicas, e o município de Cacoal, em Rondônia, é um de seus polos. Nesse território ganha forma a produção conduzida por comunidades indígenas, modelo que integra saberes ancestrais às práticas da agricultura familiar. O presente estudo delimita-se à realidade das famílias do povo Paiter Suruí, na Terra Indígena Sete de Setembro (TISS), tomando a Aldeia Gamir e suas organizações coletivas como unidades representativas, com atenção à intersecção entre as práticas agrícolas locais e as tecnologias sociais e aos seus reflexos socioeconômicos e culturais.

A inserção do café indígena em mercados competitivos impõe a esses pequenos empreendimentos exigências estruturais e gerenciais. Nesse contexto, a sustentabilidade não se restringe às dimensões econômica e ambiental, pois requer a manutenção da identidade cultural da comunidade (Olivar, 2024). A aproximação das Ciências Contábeis à agricultura familiar indígena torna-se, então, relevante, ao oferecer instrumentos de planejamento, controle, transparência e valoração de ativos que sustentam a autogestão e o acesso a políticas públicas. Diante disso, formula-se a questão de pesquisa: quais são as práticas agrícolas e as tecnologias sociais adotadas na cafeicultura do povo Paiter Suruí e como contribuem para a sustentabilidade, a segurança alimentar e o fortalecimento da agricultura familiar?

O objetivo geral é identificar as práticas agrícolas e as tecnologias sociais empregadas nessa cafeicultura, compreendendo as dinâmicas de gestão e suas contribuições à sustentabilidade e à valorização cultural do povo Paiter Suruí, sob a ótica da gestão contábil. Especificamente, busca-se descrever as práticas e inovações locais; analisar as contribuições da atividade para a sustentabilidade multidimensional e a segurança alimentar; e identificar os fatores que influenciam a sua valorização. A relevância do trabalho está em investigar arranjos produtivos que conciliam desenvolvimento agrário e preservação ambiental na Amazônia e em evidenciar o papel das Ciências Contábeis como suporte ao desenvolvimento rural sustentável.

Além desta introdução, o artigo organiza-se em quatro seções: a fundamentação teórica, que discute agricultura familiar, tecnologias sociais e dimensões da sustentabilidade; a metodologia; a análise e discussão dos dados, que confronta o referencial com a realidade documentada da cafeicultura na TISS; e as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR, CAFEICULTURA E SABERES TRADICIONAIS

A agricultura familiar é uma das bases da segurança alimentar e da economia rural brasileira, amparada pela Lei nº 11.326/2006, que institui a Política Nacional da Agricultura Familiar e inclui povos indígenas e comunidades tradicionais (Brasil, 2006). Schneider e Cassol (2013) definem-na como regime socioeconômico indissociável da família, voltado à subsistência e à comercialização de excedentes, enquanto Abramovay (2000) ressalta que o desenvolvimento rural sustentável depende da compreensão das singularidades de cada região. O Censo Agropecuário ratifica o papel das pequenas propriedades no abastecimento interno (IBGE, 2019), em consonância com as diretrizes da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, [s.d.]).

Esse protagonismo convive, contudo, com um descompasso estrutural: embora a agricultura familiar represente 77% dos estabelecimentos rurais, responde por apenas 23% do Valor Bruto da Produção (IBGE, 2019), assimetria associada à dependência das *commodities* e ao êxodo juvenil. Heberlê *et al.* (2017) sustentam que sua superação passa pela agregação de valor e pela transição agroecológica. Em Rondônia, esse caminho é ilustrado pelos Robustas Amazônicos, grãos especiais de *Coffea canephora* desenvolvidos com apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), cuja excelência sensorial abre mercados de nicho (Silva, 2019; Revista Cafés de Rondônia, 2016). Entre os Paiter Suruí, o cultivo alia qualidade, fortalecimento identitário e organização coletiva (Olivar, 2024; Arruda *et al.*, 2020), conforme os indicadores sistematizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Comparativo da cafeicultura (*Coffea canephora*), estabelecimentos agropecuários e população indígena nas esferas geográficas em estudo

Localidade	Brasil	Rondônia	Cacoal	T.I.S.S.
Código IBGE	1	11	1100049	1107340
CAFÉ - GRÃO (VERDE) - CANÉFORA (ROBUSTA, CONILON) - CENSO AGRO 2017				
Área colhida (ha)	333.294	40.588 (2º nacional)	7.236 (1º de RO)	**
Nº de estabelecimentos	75.969	16.812 (2º nacional)	1.378 (2º de RO)	**
Nº de pés (x1000 un)	849.026	72.558 3º nacional	6.353 (4º de RO)	**
Quantidade produzida (ton)	476.373	34.602 (3º nacional)	3.234 (4º de RO)	**
Valor da produção em (x1000 R\$)	2.853.507,125	186.257,687 (3º nacional)	19.016,965 (4º de RO)	**
ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS - CENSO AGRO 2017				
Nº de estabelecimentos agropecuários	5.073.324	91.438	3814	505
Nº de estabelecimentos / Agricultura Familiar	3.897.408	74.329	3.363	**
POPULAÇÃO - CENSO 2022				
População total	203.080.756	1.581.196 (23º nacional)	86.887 (367º nacional)	**
População Indígena	1.694.836	21.146	1.688	1.443

Legenda: (**) informação não encontrada.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados dos Censos Agropecuário de 2017 e Demográfico de 2022 (IBGE, 2019; 2023).

Os dados da Tabela 1 confirmam a relevância de Rondônia e de Cacoal na produção de café Canéfora e a base familiar como alicerce da economia agropecuária local (IBGE, 2019, 2023), ao mesmo tempo em que quantificam a inserção das comunidades originárias da TISS nas cadeias produtivas estaduais. A articulação entre saberes

tradicionais e tecnologias sociais figura, assim, como condição de soberania e sustentabilidade territorial.

A integração entre saberes ancestrais e conhecimento científico é estratégica para a resiliência produtiva e a preservação identitária. Diegues (2008) contesta a ideia de natureza intocada ao evidenciar a ação humana sustentável na conservação da biodiversidade, e Altieri (2012) situa a agroecologia como matriz para incorporar práticas ancestrais a uma agricultura duradoura. Os Sistemas Agroflorestais (SAFs) materializam essa convergência, ao otimizar a produção em áreas reduzidas sem comprometer a estabilidade ambiental (Olivar, 2024). Ainda que Maranhão (2008) alerte para o risco de subordinação tecnológica externa, os Paiter Suruí destacam-se pela autonomia, conciliando o etnoconhecimento com a validação acadêmica e estimulando a formação técnica de seus membros (Suruí; Silva; Rodriguez, 2019).

2.2 TECNOLOGIAS SOCIAIS E INOVAÇÃO NO MEIO RURAL

As tecnologias sociais reúnem produtos, métodos e práticas de baixo custo voltados a demandas coletivas, com potencial de inclusão social, melhoria da qualidade de vida e geração de renda (Brasil, [s.d.]). Dagnino (2004) as define como estratégia de desenvolvimento contraposta aos pacotes tecnológicos convencionais, que geram dependência de insumos externos e se mantêm inacessíveis a populações vulneráveis. A partir dos anos 2000, a Fundação Banco do Brasil, em articulação com a Rede de Tecnologia Social, padronizou critérios de validação e instituiu o Banco de Tecnologias Sociais, que subsidia políticas públicas (FBB, 2024). Seus princípios, interação e participação comunitária, reaplicabilidade, efetividade na transformação social e sustentabilidade, orientam a leitura da gestão da cafeicultura indígena.

No meio rural, inovações centradas no aprimoramento organizacional e na inserção de mercado fortalecem a autonomia da agricultura familiar diante da baixa rentabilidade e da oscilação dos preços. O Manejo Florestal Comunitário e Familiar, ancorado na governança ambiental para o desenvolvimento local (Espada; Sobrinho,

2015), converte o recurso florestal em ativo econômico de longo prazo e, segundo Miranda *et al.* (2020), gera emprego e renda nas comunidades amazônicas. De modo complementar, o Turismo de Base Comunitária diversifica a renda e valoriza o patrimônio cultural (Oliveira, 2025).

Na TISS, o arranjo produtivo combina diversidade agrícola e coleta de subsistência, com manejo pautado na etnoconservação e divisão social do trabalho bem definida (Gomide e Nunes, 2015). A cafeicultura integra-se a essa matriz por meio dos SAFs, inovação endógena que regula o solo e minimiza insumos externos, conforme os preceitos agroecológicos de Altieri (2012) e o papel das populações originárias na conservação dos biomas (Diegues, 2008). No plano organizacional, arranjos associativos como a Associação Gap Ey, criada na Aldeia Gamir em 2018, viabilizaram a aquisição coletiva de maquinário e a capacitação socioambiental, reduzindo a dependência de intermediários e retendo no território os excedentes dos grãos especiais (Olivar, 2024). O alinhamento com políticas estaduais, como o programa Plante Mais, e com a Embrapa reforça esse arranjo (Revista Cafés de Rondônia, 2017).

2.3 SUSTENTABILIDADE, IDENTIDADE CULTURAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

O desenvolvimento sustentável supera a régua econômica ao articular as esferas social, ecológica, cultural e territorial. Sachs (2002) o concebe como processo dinâmico que harmoniza avanço produtivo e conservação do capital natural. Na Amazônia, a perenidade da cafeicultura indígena exige viabilidade financeira aliada à conservação florestal e à identidade sociopolítica das etnias, e a agroecologia oferece a matriz para operacionalizar essas dimensões, ao reorganizar os arranjos produtivos segundo dinâmicas naturais e reduzir a dependência de insumos químicos. Conforme Espada e Sobrinho (2015), a governança ambiental deve priorizar transformações que elevem a resiliência dos territórios, valorizando saberes locais nas decisões. A cafeicultura rondoniense ilustra essa integração: o sombreamento produtivo descrito por Rodrigues

et al. (2015) eleva a resiliência socioambiental e confere atributos sensoriais distintivos ao grão.

A gestão agrícola indígena enraíza-se na cosmologia e na identidade cultural, nas quais o território é condição de continuidade espiritual, social e material do grupo (Sampaio; Silva, 1997). Diferentemente da visão ocidental, o manejo orienta-se por saberes que compreendem a natureza como ecossistema interdependente e voltam-se ao uso sustentável do meio, e não a demandas imediatas do mercado (Villares, 2009). Essa governança vincula-se aos direitos territoriais e à posse coletiva, com normas internas formalizadas em instrumentos como o plano de gestão territorial dos Paiter Suruí (2014), que desafia modelos predatórios (Barbosa; Chediak; Cardozo, 2021). A preservação cultural converte-se, assim, em diferencial competitivo no mercado de grãos especiais.

A viabilidade da atividade depende, ainda, de políticas públicas que reconheçam as especificidades da agricultura familiar e do manejo agroecológico. A Lei nº 11.326/2006 viabiliza o acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), e o Decreto nº 7.794/2012 instituiu a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Brasil, 2006, 2012). O Programa de Aquisição de Alimentos (Lei nº 14.628/2023) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Lei nº 11.947/2009) asseguram escoamento a preços justos e previsibilidade de caixa (Brasil, 2009, 2023). A inserção em nichos de cafés especiais e comércio justo, por sua vez, exige gestão e contabilidade pautadas na rastreabilidade e na qualidade, condição para capturar a valorização e obter chancelas como a Denominação de Origem (Zacharias *et al.*, 2021). Nesse arranjo, a contabilidade emerge como saber técnico de planejamento, controle e transparência, capaz de viabilizar o acesso a recursos de fomento e a continuidade dos modos de vida.

3. METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, fundamentada na análise de dados secundários, e segue o método hipotético-dedutivo. A partir do

referencial sobre sustentabilidade e tecnologias sociais, formula-se a hipótese de que, na cafeicultura Paiter Suruí, a preservação florestal e a valorização da ancestralidade não constituem entraves à viabilidade econômica, mas operam como fatores de agregação de valor e de fortalecimento da agricultura familiar. Os registros documentados da comunidade são confrontados com essa hipótese, de modo que a análise se configura como corroboração documental, da qual se deduzem implicações gerenciais. O caráter exploratório aproxima a investigação de um tema com literatura ainda dispersa, a intersecção entre contabilidade, tecnologias sociais e etnoconhecimento, e o descritivo viabiliza o mapeamento das práticas sem intervenção em campo (Gil, 2022).

Quanto aos procedimentos, trata-se de pesquisa bibliográfica e documental (Vergara, 2016), que articula relatórios técnicos, planos de gestão, censos e levantamentos institucionais à revisão de periódicos, teses e dissertações sobre o arranjo cafeeiro regional. A estratégia central é o estudo de caso da cafeicultura Paiter Suruí, delimitado à TISS, onde organizações coletivas atuam como unidades representativas do modelo de autogestão. Conforme Yin (2015), o estudo de caso é adequado para investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto real a partir de múltiplas fontes de evidência; para a área contábil, Martins (2008) reforça sua aptidão para decifrar arranjos produtivos específicos.

Para suprir a ausência de coleta primária, recorre-se à triangulação de dados secundários, cujo *corpus* reúne registros estatísticos de produção, normas de certificação de origem, dados de fomento público e projetos de protagonismo comunitário. O tratamento qualitativo emprega a análise de conteúdo, organizando as evidências em quatro eixos (produção, organização, mercado e dimensões da sustentabilidade), enquanto os dados quantitativos dos relatórios oficiais (volume, precificação e faturamento) são examinados por estatística descritiva, de modo a corroborar as premissas da pesquisa.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo concentra o núcleo analítico do estudo, com o propósito de responder à questão norteadora da pesquisa: quais são as práticas agrícolas e as tecnologias sociais adotadas na cafeicultura em comunidades indígenas e qual a sua relevância para a sustentabilidade e o fortalecimento da agricultura familiar. A discussão organiza-se em quatro eixos complementares, o percurso analítico inicia-se pelo delineamento do perfil socioeconômico regional da atividade; avança para o exame das práticas agroflorestais tradicionais; detalha as tecnologias sociais organizacionais e de mercado em operação; e consolida a avaliação da sustentabilidade em suas quatro dimensões.

4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DA CAFEICULTURA INDÍGENA NA TERRA INDÍGENA SETE DE SETEMBRO: DO CONTEXTO REGIONAL AO FOCO DA PESQUISA

A análise da cafeicultura indígena requer sua inserção no panorama estadual. Segundo o Censo Agropecuário, Rondônia figurou em 2017 como segundo maior produtor nacional de café Canéfora em área colhida (40.588 ha) e terceiro em volume (34.602 t), com Cacoal na liderança estadual em área (7.236 ha) (IBGE, 2019). Reconhecido como Capital do Café, o município integra um setor cujo Valor Bruto da Produção foi projetado em R\$ 3 bilhões para 2026, segunda maior força agrícola do estado, com exportações que saltaram de US\$ 283 mil em 2022 para US\$ 130,9 milhões em 2024 (Rondônia, 2026).

Inserida nesse contexto, a TISS, com 248.146 hectares, abriga 1.443 indígenas (IBGE, 2023) e mantinha 505 estabelecimentos agropecuários em 2017 (IBGE, 2019). Dados da Funai (2024) indicam que mais de 350 famílias Paiter Suruí, em 35 aldeias, produzem entre 1.600 e 2.000 sacas anuais, integralmente absorvidas por parceiros voltados a microlotes especiais (Sebrae, 2025; Funai, 2022b). Esse desempenho ganha relevo ao ser confrontado com o paradoxo da agricultura familiar brasileira, que reúne 77% dos estabelecimentos e apenas 23% do Valor Bruto da Produção (IBGE, 2019); para

Heberlê *et al.* (2017), a superação dessa assimetria depende da diferenciação e da inserção em nichos.

Sob a ótica gerencial, a cafeicultura na TISS realiza essa transição, ao converter uma produção primária anônima em ativo de identidade territorial reconhecida. A Aldeia Gamir atua como unidade representativa do modelo que integra tradição e gestão social: a fundação da Associação Gap Ey ilustra como a organização coletiva responde, de forma endógena, às demandas de mercado e formaliza as operações econômicas que sustentam a análise das tecnologias sociais nas seções seguintes.

4.2 PRÁTICAS AGRÍCOLAS TRADICIONAIS E SISTEMAS AGROFLORESTAIS: O ETNOCONHECIMENTO COMO TECNOLOGIA PRODUTIVA

As práticas documentadas na TISS revelam convergência entre saberes ancestrais e ciência agrônoma (Diegues, 2008; Altieri, 2012). A cafeicultura não integrava a base cultural Paiter Suruí: foi introduzida por ocupantes não indígenas antes da demarcação, em 1983, e os nativos inicialmente consumiam o fruto *in natura*, sem conhecer seu potencial para a torra (Costa, 2024). Essa ressignificação converteu um passivo colonial em pilar de sustentabilidade econômica, conferindo ao café originário identidade própria.

Ao assimilar o cultivo, os produtores rejeitaram a monocultura e incorporaram a lógica silvicultural tradicional. A necessidade de sombreamento impulsionou a formação de Sistemas Agroflorestais (Moll, 2023), o que corrobora Altieri (2012) ao mostrar a aplicação intuitiva de fundamentos agroecológicos. O consórcio do café com cacau, castanha e mandioca materializa a otimização territorial descrita por Rodrigues *et al.* (2015), enquanto análises da Embrapa confirmam que a barreira florestal oferece umidade, regulação térmica e polinização favoráveis ao ganho sensorial (Silva, 2019).

Decorre desse arranjo a recusa de defensivos químicos e de irrigação artificial (Funai, 2024): segundo lideranças locais, a densidade orgânica da agrofloresta supre as necessidades nutricionais da planta e elimina custos com adubação externa (Costa, 2024). Esse manejo reflete a cosmologia indígena, que compreende a natureza de forma holística

e assegura a longevidade do ecossistema (Villares, 2009), e o cuidado em preservar matas e frutíferas para manter a fauna (Gomide e Nunes, 2015). A atividade segue divisão social definida: os homens preparam as roças e colhem; as mulheres processam o café e transmitem o saber às novas gerações.

Essa sinergia socioecológica reflete-se no valor de mercado. Avaliações sensoriais internacionais atribuem ao grão da TISS notas de mel, própolis, rapadura e flor de laranjeira (Albuquerque, 2025), com efeito direto na precificação: enquanto a saca da *commodity* oscilava em torno de R\$ 650 em Cacoal no início de 2023 (Emater-RO, 2023), os microlotes da TISS alcançaram entre R\$ 800 e R\$ 1.200, e o campeão do 1º Concurso Tribos (2019) foi adquirido por R\$ 3.000 pelo Grupo 3Corações (2019a, 2019b). A governança produtiva contrapõe-se, assim, ao ciclo de dependência externa que Maranhão (2008) adverte, e corresponde ao conceito de tecnologia social de Dagnino (2004): a apropriação tecnológica, ajustada à identidade e ao território, sustenta a competitividade e a continuidade econômica.

4.3 TECNOLOGIAS SOCIAIS EM AÇÃO: COOPERATIVISMO, CERTIFICAÇÃO E INSERÇÃO EM CADEIAS DE VALOR

Se as práticas tradicionais constituem a base produtiva, são as tecnologias sociais, de produção, organização, processo e mercado, que a convertem em viabilidade econômica e autonomia institucional. O Quadro 1 mapeia as identificadas nos dados secundários e avalia sua aderência aos princípios propostos por Dagnino (2004) e pela FBB (2024).

Quadro 1 – Tecnologias Sociais identificadas na cafeicultura indígena Paiter Suruí (TISS, Cacoal/RO)

Tecnologia social identificada	Tipo	Princípios da TS atendidos	Atores envolvidos	Resultado documentado (fontes)
Sistemas Agroflorestais (SAFs)	Produção	Todos os 4 princípios	Famílias produtoras, Embrapa, Kanindé, Funai	Consortação e microclima florestal provê nutrientes e polinizadores; validado pela Embrapa como SAF orgânico (Silva, 2019)
Cooperativas indígenas (Garah Itxa, Coopaiter, Coopsur)	Organização	Todos os 4 princípios	Produtores indígenas, Funai, Conexsus, Emater-RO	Coopaiter: 240 associados, 13 aldeias; 1º Selo Nacional da AF. Garah Itxa: 1.200 sacas/2021; Coopaiter: 1.500 sacas/ano (Funai, 2021a; 2021b; 2022b)
Associação Gap Ey (Aldeia Gamir, 2018)	Organização	Participação, Transformação, Sustentabilidade	Comunidade Gamir, Seagri-RO	Aquisição coletiva de maquinário; Brigada de Incêndio organizada; governança local do território (Arruda <i>et al.</i> , 2020)
Parceria Projeto Tribos – 3Corações	Mercado	Participação, Transformação, Sustentabilidade	3Corações, Funai, Embrapa, Emater-RO, cooperativas	100% da produção comprada; preço até 50% acima da commodity; renda média de R\$ 10 mil/família/safra; 520 mil kg comercializados (3Corações, 2024; Funai, 2021a; 2022b)
Secador estático de grãos (Seagri-RO, 2023)	Processo	Reaplicabilidade, Transformação, Sustentabilidade	Seagri-RO, Garah Itxa	Secagem: de 8 dias para 36 horas; redução de perdas e uniformidade dos grãos (Costa, 2024)
Terreiros suspensos de pós-colheita	Processo	Todos os 4 princípios	3Corações, Embrapa, Emater-RO, famílias	Dezenas de unidades nas aldeias; melhora controle de fermentação e notas sensoriais; base para notas altas no Concurso Tribos (3Corações, 2019)
Concursos de qualidade (Concafé; Tribos; Florada Premiada)	Valor agregado	Participação, Transformação, Sustentabilidade	Governo de RO, 3Corações, júri internacional, Funai	Nota 100/100 inédita no mundo (ProjetoTribos 2024); 6 cafés premiados no Concafé (2022); 1º lugar no Concurso Tribos (2019); R\$ 3.000/saca + R\$ 25.000 de prêmio (3Corações, 2024; Funai, 2022a; 2022b)
Indicação Geográfica – DO Matas de Rondônia / Patrimônio	Valor agregado	Participação, Transformação, Sustentabilidade	Inpi, Governo de RO, Embrapa, Câmara	1ª Denominação de Origem para café Canéfora sustentável do Brasil; proteção jurídica do ativo territorial e cultural (Inpi, 2020; Silva <i>et al.</i> , 2022)

Tecnologia social identificada	Tipo	Princípios da TS atendidos	Atores envolvidos	Resultado documentado (fontes)
Imaterial (Rondônia, 2024, art. 1º)			Setorial do Café	
Etnoturismo – Complexo Yabnaby e Coffea Trips	Mercado	Participação, Transformação, Sustentabilidade	Lideranças Paiter Suruí, Sebrae, PPBio	~240 visitantes em 2024; R\$ 522 mil do PPBio investidos; diversificação da renda e valorização cultural da juventude (Sebrae, 2025)

Fonte: Elaboração própria a partir de dados secundários (Arruda, *et al.*, 2020; Costa, 2024; Funai, 2021a; 2021b; 2022a; 2022b; 2024; Grupo 3Corações, 2019; 2024; IBGE, 2019; 2023; Inpi, 2020; Projeto Tribos, 2024; Rondônia, 2024; Rondônia, 2026; Sebrae, 2025; Silva, 2019; Silva *et al.*, 2022; Princípios da TS conforme Dagnino (2004) e FBB (2024).

O Quadro 1 permite identificar três ordens de contribuição. A de produção tem nos Sistemas Agroflorestais a base que assegura a qualidade física e sensorial do grão; única prática a cumprir integralmente os quatro princípios, ratifica a agroecologia como alicerce da sustentabilidade (Altieri, 2012). A de organização, expressa na Associação Gap Ey e nas cooperativas, elimina atravessadores e retém os lucros na comunidade (Arruda *et al.*, 2020); o pioneirismo da Coopaiter ao obter o Selo Nacional da Agricultura Familiar viabiliza o acesso direto ao Pronaf, ao PAA e ao PNAE (IstoÉ, 2025). A de mercado e valor agregado, impulsionada pelo Projeto Tribos (3Corações), assegura a compra total da safra com prêmio de preço e investimentos técnicos, alcançando 169 famílias e volume histórico superior a 520 mil quilos (Projeto Tribos, 2024).

O ápice da valoração ocorreu em novembro de 2024, na 6ª edição do Concurso Tribos, quando o microlote do cacique Rafael Mopimop Suruí, da Aldeia Linha 9, obteve a pontuação inédita de 100 pontos no protocolo *Fine Robusta Cupping Form*, marco histórico para o Canéfora amazônico (Grupo 3Corações, 2024). A venda do lote em edição de 333 unidades a R\$ 599 (kit de 150 g com moedor) equivale a cerca de R\$ 239.600 por saca de 60 kg (Albuquerque, 2025), o que evidencia o retorno potencial do valor identitário e territorial quando amparado por estratégias de mercado.

No plano institucional, a Denominação de Origem Matas de Rondônia (Silva *et al.*, 2022) e o reconhecimento do Robusta Amazônico como Patrimônio Cultural e Imaterial

(Rondônia, 2024) tornam a singularidade originária estruturalmente irreplicável, o que exige modelos de negócio pautados na rastreabilidade para capturar o prêmio dos nichos de especialidade (Zacharias *et al.*, 2021).

Sob a ótica das Ciências Contábeis, a operação dessas tecnologias sociais gera fluxo contínuo de dados contábil-financeiros, por meio de notas fiscais, demonstrativos para crédito e relatórios de prestação de contas. A contabilidade desponta como instrumento de autogestão comunitária, mas a ausência de sistematização técnica constitui a principal lacuna gerencial identificada. A formalização dessas rotinas é a via para consolidar a governança local e ampliar a captação de recursos de fomento, tema aprofundado na seção seguinte.

4.4 SUSTENTABILIDADE EM QUATRO DIMENSÕES: AVALIAÇÃO DA RELEVÂNCIA DAS PRÁTICAS E TECNOLOGIAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR INDÍGENA E A INTERSECÇÃO COM A CONTABILIDADE

A avaliação da cafeicultura na TISS exige um olhar multidimensional sobre como a atividade harmoniza conservação ambiental, inclusão social, valorização cultural e desenvolvimento econômico. O Quadro 2 mapeia as iniciativas e afere sua aderência aos princípios da sustentabilidade, segundo Sachs (2002) e Elkington (1998 *apud* Pinheiro; Pompeu, 2023).

Quadro 2 – Análise da sustentabilidade da cafeicultura indígena Paiter Suruí nas quatro dimensões

Dimensão	Indicadores documentados	Análise à luz do referencial teórico	Implicações para a gestão contábil
Econômica	• Produção: 1.600–2.000 sacas/safra (Funai, 2021a; Sebrae, 2025). • Preço médio: R\$ 800–R\$ 1.200/saca vs R\$ 650 commodity (Emater-RO, 2023; Safras & Mercado, 2024). • Renda familiar média: R\$ 10.000/safra (Funai, 2021a); • Contrato plurianual com 3Corações: previsibilidade de demanda; • VBP da cafeicultura de RO: R\$ 3 bilhões estimados para 2026 (Rondônia, 2026);	A diferenciação por qualidade (cafés especiais) supera o paradoxo da commodity identificado por Heberlê <i>et al.</i> (2017): 23% do VBP agrícola nacional gerado por 77% dos estabelecimentos familiares. O contrato com parceiros como a 3Corações atua como TS de mercado, garantindo segurança inter-safra.	• Estruturar DRE simplificada: Receita (sacas × preço especial) vs Custo do trabalho familiar (horas × salário mínimo/hora) = Margem de contribuição. • Demonstrar viabilidade para acesso ao PRONAF Floresta.
Social	• 350 famílias em 35 aldeias (Funai, 2024). • 169 famílias no Projeto Tribos; impacta mais de 1.200 pessoas (Grupo 3Corações, 2024). • Etnoturismo: 240 visitantes/2024; R\$ 522 mil investidos (Sebrae, 2025). • Celesty Suruí: 1ª barista indígena do Brasil (Moll, 2023). • Jovens retornam às aldeias em razão da cafeicultura (Albuquerque, 2025).	A inclusão de mulheres (cafeicultoras premiadas; barista) e jovens contraria a tendência de êxodo rural juvenil - desafio estrutural da AF brasileira (IBGE, 2019). O Complexo Yabnaby demonstra como a TS de turismo de base comunitária (Oliveira, 2025) se articula à cafeicultura para diversificar a base econômica e fortalecer o capital social.	• Inserir indicadores sociais no Balanço Social (GRI adaptado): empregos, renda per capita e inclusão de gênero. • Evidenciar elegibilidade para o PNAE e PAA como mercados garantidos.
Ambiental	• TISS: 248.146 ha preservados com cobertura florestal ativa. • Ausência de irrigação artificial e de uso de agrotóxicos (Funai, 2024; Costa, 2024). • SAFs como corredores ecológicos e sumidouros de carbono. • Mapeamento Funai (fev./2026): diversidade de cultivos (café, banana, cacau, mandioca, cará). • Exportações de café de RO: US\$ 130,9 milhões em 2024 (Rondônia, 2026).	A ausência de insumos externos valida a sinergia entre etnoconhecimento e Agroecologia (Altieri, 2012; Diegues, 2008): as comunidades que seguem suas tradições protegem áreas de ecossistemas naturais. O modelo alinha-se à PNAPO (Brasil, 2012), abrindo acesso a mecanismos de pagamento por serviços ambientais e bioeconomia, instrumentos relevantes para a gestão financeira do território.	• Calcular custo evitado com a mitigação de agrotóxicos e irrigação (Contabilidade Ambiental). • Registrar SAFs como ativo intangível de capital natural na gestão patrimonial.

Dimensão	Indicadores documentados	Análise à luz do referencial teórico	Implicações para a gestão contábil
Cultural	• Café ressignificado: de símbolo da colonização a instrumento de autonomia. • Transmissão intergeracional de saberes em rituais, festas e roças (Gomide e Nunes, 2015). • Código de Normas Paiter Suruí (2014): governança territorial própria. • Nota 100/100 no Concurso Tribos (Projeto Tribos, 2024): identidade cultural como ativo competitivo. • Patrimônio Cultural e Imaterial de Rondônia: (Rondônia, 2024).	A cosmologia Paiter Suruí opera como sistema de gestão ambiental: a relação do território como reprodução social e espiritual (Sampaio e Silva, 1997; Villares, 2009) gera práticas de manejo alinhadas com a sustentabilidade moderna. A identidade cultural como diferenciação econômica demonstra a tese de Zacharias <i>et al.</i> (2021): foco em qualidade e rastreabilidade converte o ativo cultural em vantagem competitiva sustentável.	• Valorar o conhecimento tradicional como ativo intangível (Contabilidade do Capital Intelectual). • Certificação e IG geram prêmio de preço mensurável e persistente, elemento de <i>forecast</i> financeiro de longo prazo.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados secundários (Albuquerque, 2025; Altieri, 2012; Brasil, 2012; Costa, 2024; Diegues, 2008; Funai, 2021a; 2021b; 2024; 2026; Gomide e Nunes, 2015; Grupo 3Corações, 2019; 2024; Heberlê *et al.* 2017; IBGE, 2019; 2023; Moll, 2023; Oliveira, 2025; Paiter Suruí, 2014; Projeto Tribos, 2024; Rondônia, 2024; Rondônia, 2026; Safras & Mercado, 2024; Sebrae, 2025; Silva, 2019; Villares, 2009; Zacharias *et al.*, 2021). Dimensões de sustentabilidade conforme Sachs (2002) e Elkington (1998 apud Pinheiro; Pompeu, 2023).

O Quadro 2 evidencia que a cafeicultura da TISS supera os requisitos de sustentabilidade da agricultura familiar. Diferentemente do modelo de *commodity*, que costuma sacrificar a dimensão ambiental em favor da econômica e desconsiderar a cultural, a estratégia Paiter Suruí mostra que as quatro dimensões são mutuamente constitutivas: a preservação florestal gera excelência sensorial; a qualidade eleva os prêmios de preço; esses recursos financiam a coesão comunitária, que sustenta a identidade do território. Esse encadeamento é o que Espada e Sobrinho (2015) denominam governança ambiental para o desenvolvimento local.

Na dimensão econômica, ainda que a escala indígena seja menor, cerca de dois hectares por família (Funai, 2021a), a renda média de R\$ 10 mil por safra equivale a 6,6 salários mínimos em três a quatro meses de colheita, acima da média regional. Estruturar controles que registrem receitas, custos da produção familiar, despesas das cooperativas e investimentos é condição para converter esses resultados em acesso a crédito e a políticas públicas. Na dimensão cultural, de maior originalidade teórica, o valor da floresta

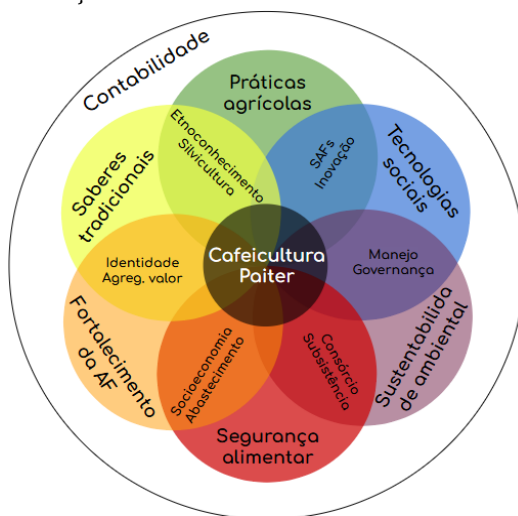
é existencial e inseparável da reprodução sociocultural (Barbosa; Chediak; Cardozo, 2021); os conhecimentos tradicionais, definidos por Villares (2009) como técnicas de uso sustentável do meio, deixam de ser externalidade e tornam-se condição da produção. O reconhecimento desse valor, expresso na nota máxima, no Patrimônio Imaterial e na Denominação de Origem, incorpora aos preços o que as métricas convencionais ignoram, e a Contabilidade do Capital Intelectual e a Ambiental oferecem instrumentos para valorar esses ativos intangíveis.

A fala do cacique Rafael Suruí sintetiza essa interdependência: “Alcançar os 100 pontos é motivo de orgulho e inspiração para todos os agricultores, indígenas e não indígenas. Mostra para os jovens da aldeia que há futuro no campo e que é possível ter sustento e dignidade com o nosso trabalho” (Albuquerque, 2025). A afirmação encapsula a contribuição central da pesquisa: a evidência de que é viável conciliar autonomia econômica, preservação ambiental, coesão social e vitalidade cultural num mesmo projeto de vida.

4.4.1 Intersecção conceitual das variáveis da cafeicultura indígena com a contabilidade

Para sintetizar a integração sistêmica evidenciada na análise das quatro dimensões, a Figura 1 ilustra o modelo conceitual do arranjo produtivo Paiter Suruí. O diagrama evidencia que a cafeicultura indígena se encontra no centro de uma engrenagem orgânica, onde os saberes tradicionais e as práticas agrícolas garantem, simultaneamente, a sustentabilidade ambiental e a segurança alimentar. Esse ciclo retroalimenta o fortalecimento da agricultura familiar, que ganha escala e inserção mercadológica ao ser impulsionado pelas tecnologias sociais.

Figura 1 – Intersecção conceitual das variáveis da cafeicultura indígena



Fonte: Elaboração própria, 2026.

Como se observa na representação visual, nenhuma das dimensões opera de forma isolada. Ao englobar todas as variáveis, a Contabilidade atua como uma macrodimensão, conceito guarda-chuva, que funciona como o eixo integrador desse arranjo. Cabe à ciência contábil fornecer os instrumentos gerenciais necessários para capturar essa riqueza sociocultural e ecológica, convertendo-a em autogestão e viabilidade socioeconômica territorial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo investigou de que maneira as práticas agrícolas e as tecnologias sociais da cafeicultura Paiter Suruí contribuem para a sustentabilidade e o fortalecimento da agricultura familiar. A leitura das fontes documentais indica que o modelo da Terra Indígena Sete de Setembro se afasta da lógica do agronegócio convencional: nele, a conservação ambiental e o respeito à ancestralidade não funcionam como entraves à viabilidade financeira, mas como os principais fatores de agregação de valor.

O mapeamento mostrou que a base produtiva se assenta em sistemas agroflorestais regidos por saberes tradicionais, nos quais a consorciação do café com culturas de subsistência e a preservação das frutíferas asseguram a segurança alimentar.

A minimização de defensivos e a manutenção do ecossistema sustentam a excelência sensorial do grão, mas a conversão dessa qualidade em autonomia econômica depende de tecnologias sociais: associações, cooperativas e certificações estruturam a governança e inserem o produto em cadeias de alta especialidade.

No plano contábil, a precificação diferenciada dos microlotes representa a internalização do valor cultural Paiter Suruí, e a adoção de ferramentas adaptadas torna-se estratégia decisiva. Uma Demonstração do Resultado do Exercício simplificada permite apurar a margem de contribuição e comprovar a viabilidade para o acesso ao crédito; o Balanço Social atesta a elegibilidade a mercados institucionais; e a Contabilidade Ambiental e a valoração do capital intelectual fornecem base para mensurar custos evitados e registrar os SAFs e os saberes tradicionais como ativos intangíveis, relevantes para a projeção de retornos e para a competitividade derivada de indicações geográficas e certificações.

A impossibilidade de coleta primária constituiu limitação e exigiu a ampliação da unidade de análise para o contexto macrorregional da TISS, o que, ainda assim, permitiu avaliar impactos territoriais coletivos e aponta a necessidade de pesquisas de campo voltadas à validação empírica dessas formas de mensuração e valoração. Espera-se que os achados subsidiem políticas públicas que reconheçam as especificidades da cafeicultura indígena. A experiência Paiter Suruí oferece evidência consistente de que autonomia e viabilidade econômica são alcançáveis quando assentadas no respeito à identidade cultural e à vocação socioambiental do território.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 379-397, 2000. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ecoa/article/view/218794/199885>. Acesso em: 23 ago. 2025.

ALBUQUERQUE, Naiara. Produtor indígena vence concurso de café da 3 Corações. Agora lotes vão a mercado. **Bloomberg Línea**, [S. l.], 21 out. 2025. Disponível em: <https://www.bloomberglinea.com.br/agro/produtor-indigena-vence-concurso-de-cafe-da-3-coracoes-agora-lotes-vao-a-mercado/>. Acesso em: 5 maio 2026.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012.

ARRUDA, Thelma Jakliny Martins *et al.* Elementos de Inovação na Produção Sustentável da Cafeicultura Indígena na Amazônia. **Gestão & Regionalidade**, São Caetano do Sul, v. 36, n. 108, p. 230-247, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1334/133471106016/html/>. Acesso em: 5 out. 2025.

BARBOSA, Xênia de Castro; CHEDIAK, Sheylla; CARDOZO, Ivaneide Bandeira. O valor da floresta: trajetória histórica dos Paiter Suruí no uso dos recursos florestais na Terra Indígena Sete de Setembro. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 26, 2021. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/redes/article/view/16758>. Acesso em: 4 out. 2025.

BRASIL. Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 21 ago. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7794.htm. Acesso em: 1 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 25 jul. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm. Acesso em: 1 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 17 jun. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm. Acesso em: 1 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.628, de 20 de julho de 2023. Institui o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 21 jul. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14628.htm. Acesso em: 6 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). **Tecnologia Social**. Brasília, DF, [s.d.]. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/politica_nacional/_social/Tecnologia_Social.html. Acesso em: 10 nov. 2025.

COSTA, Emily. Na Amazônia, indígenas produzem café premiado sem agrotóxicos e irrigação. **G1 RO**, Porto Velho, 14 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2024/04/14/na-amazonia-indigenas-produzem-cafe-premiado-sem-agrotoxicos-e-irrigacao.ghtml>. Acesso em: 5 maio 2026.

DAGNINO, Renato (org.). **Tecnologia Social**: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas: Unicamp, 2004. Disponível em:

<https://static.scielo.org/scielobooks/7hbdt/pdf/dagnino-9788578793272.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec; NUPAUB/USP, 2008. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/O%20mito%20moderno.compressed.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

EMATER-RO. Cotação agrícola: preço médio do café robusta em Rondônia — março de 2023. **Tribuna Popular**, Porto Velho, mar. 2023. Disponível em: <https://tribunapopular.com.br/saca-do-cafe-robusta-comeca-marco-custando-r-630-em-rondonia/>. Acesso em: 5 maio 2026.

ESPADA, Ana Luiza Violato; SOBRINHO, Mário Vasconcellos. Manejo comunitário e governança ambiental para o desenvolvimento local: análise de uma experiência de uso sustentável de floresta na Amazônia. **Administração Pública e Gestão Social**, Viçosa, v. 7, n. 4, p. 169-177, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/apgs/article/view/4606/2403>. Acesso em: 20 nov. 2025.

FAO. **Fortalecimento da agricultura familiar e desenvolvimento sustentável**. [S. l.]: FAO, [s.d.]. Disponível em: <https://www.fao.org/americas/home/Fortalecimento-da-agricultura-familiar-e-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel/pt>. Acesso em: 19 ago. 2025.

FBB. **Banco de Tecnologias Sociais (BTS)**. Brasília, DF: FBB, 2024. Disponível em: <https://fbb.org.br/tecnologias-sociais/>. Acesso em: 27 out. 2025.

FUNAI. Abril Indígena: com apoio da Funai, povo Paiter Suruí consolida cultivo de café especial. **Funai**, Brasília, DF, 8 abr. 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2021/abril-indigena-com-apoio-da-funai-povo-paiter-surui-consolida-cultivo-de-cafe-especial>. Acesso em: 5 maio 2026.

FUNAI. Com apoio da Funai, etnia Paiter Suruí inicia colheita de café especial sustentável em Rondônia. **Funai**, Brasília, DF, 15 jul. 2021b. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2021/com-apoio-da-funai-etnia-paiter-surui-inicia-colheita-de-cafe-especial-sustentavel-em-rondonia>. Acesso em: 5 maio 2026.

FUNAI. Café da etnia Paiter-Suruí é destaque em premiação em Rondônia. **Funai**, Brasília, DF, 20 out. 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/cafe-da-etnia-paiter-surui-e-destaque-em-premiacao-em-rondonia>. Acesso em: 6 ago. 2025.

FUNAI. Série especial: com apoio da Funai, produção de café indígena se consolida em Rondônia. **Funai**, Brasília, DF, 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022/serie-especial-com-apoio-da-funai-producao-de-cafe-indigena-se-consolida-em-rondonia>. Acesso em: 5 maio 2026.

FUNAI. Café Paiter-Suruí: produção indígena com apoio da Funai traz benefícios sociais, ambientais e econômicos. **Funai**, Brasília, DF, 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/cafe-paiter-surui-producao-indigena-com-apoio-da-funai-traz-beneficios-sociais-ambientais-e-economicos>. Acesso em: 5 maio 2026.

FUNAI. Em Rondônia, Funai realiza mapeamento de roças e produções agrícolas na TI Sete de Setembro. **Funai**, Brasília, DF, 14 abr. 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2026/em-rondonia-funai-realiza-mapeamento-de-rocas-e-producoes-agricolas-na-ti-sete-de-setembro>. Acesso em: 5 maio 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMIDE, Maria Lúcia Cereda; NUNES, Reginaldo de Oliveira (org.). **Sistemas tradicionais de agricultura dos povos indígenas de Rondônia**. Ji-Paraná: Editora UNIR, 2015.

GRUPO 3CORACÕES. Grupo 3corações conclui a 1ª edição do Concurso Tribos. **3Corações**, [S. l.], 2019a. Disponível em: <https://www.3coracoes.com.br/materias/grupo-3coracoes-conclui-1a-edicao-do-concurso-tribos/>. Acesso em: 5 maio 2026.

GRUPO 3CORACÕES. Grupo 3corações lança projeto Tribos, que une protagonismo do indígena, proteção da floresta e produção de café de qualidade. **3Corações**, [S. l.], 2019b. Disponível em: <https://www.3coracoes.com.br/materias/grupo-3coracoes-lanca-projeto-tribos-que-une-protagonismo-do-indigena-protecao-da-floresta-e-producao-de-cafe-de-qualidade/>. Acesso em: 5 maio 2026.

GRUPO 3CORACÕES. Concurso Tribos 2024 trouxe o café perfeito. **3Corações**, [S. l.], 18 nov. 2024. Disponível em: <https://www.3coracoes.com.br/materias/concurso-tribos-2024-trouxe-o-cafe-perfeito/>. Acesso em: 5 maio 2026.

HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira *et al.* Agricultura familiar e pesquisa agropecuária: contribuições para uma agenda de futuro. In: DELGADO, Guilherme Costa; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira (org.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. p. 133-149. Disponível em: <https://www.gov.br/mda/pt-br/acervo-nucleo-de-estudos-agrarios/nead-outras-publicacoes-1/1-agricultura-familiar-brasileira-desafios-e-perspectivas-de-futuro.pdf/view>. Acesso em: 17 nov. 2025.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/>. Acesso em: 18 out. 2025.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 18 out. 2025.

ISTOÉ. O exemplo dos Paiter Suruí. **IstoÉ Independente**, São Paulo, 15 out. 2025. Disponível em: <https://istoe.com.br/coluna-o-exemplo-dos-paiter-surui>. Acesso em: 5 maio 2026.

INPI. **Indicações Geográficas**. Brasília: INPI, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inpi/pt-br/acao-a-informacao/perguntas-frequentes/indicacoes-geograficas>. Acesso em: 30 nov. 2025.

MARANHÃO, Ana Carolina Kalume (org.). **Plano de gestão etnoambiental da Terra Indígena Sete de Setembro**. Cacoal: ACT Brasil: Associação Metareilá: Kanindé, 2008. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/plano-de-gestao-etnoambiental-da-terra-indigena-sete-de-setembro>. Acesso em: 10 ago. 2025.

MARTINS, Gilberto. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIRANDA, Lilian Cristina Viana *et al.* Manejo Florestal Sustentável em Unidades de Conservação de uso comunitário. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 32, p. 778-792, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/ncCv5JbRYYMfYNXtrJD78mt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2025.

MOLL, Patricia. Como os Paiter Suruí transformaram os cafezais dos invasores em café amazônico de qualidade. **Mongabay**, [S. l.], 25 set. 2023. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2023/09/como-os-paiter-surui-transformaram-os-cafezais-dos-invasores-em-cafe-amazonico-de-qualidade/>. Acesso em: 5 maio 2026.

OLIVAR, Júlio. Em Cacoal, cafeicultura impulsiona desde comunidades indígenas a empreendedores urbanos. **Portal Amazônia**, 10 maio 2024. Disponível em: <https://portalamazonia.com/jotao-escreve/em-cacoal-cafeicultura-impulsiona-desde-comunidades-indigenas-a-empreendedores-urbanos/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

OLIVEIRA, Elizabeth. Turismo de Base Comunitária como Alternativa para o Desenvolvimento Rural. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 19, n. 36, p. 211-215, 2025. DOI: 10.61895/pl.v19i36.22862. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/22862>. Acesso em: 22 ago. 2025.

PAITER SURUÍ. **Códigos e Normas Paiter Surui**. Organização de Ivaneide Bandeira Cardozo. Porto Velho: Edufro, 2014. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/codigos-e-normas-paiter-surui>. Acesso em: 16 set. 2025.

PINHEIRO, Luciana Barreira de Vasconcelos; POMPEU, Gina Vidal Marcílio. Do desenvolvimento sustentável aos direitos da natureza no Brasil: perspectivas à luz do princípio da integridade ecológica. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, Curitiba, v. 21, n. 12, p. 26461-26481, 2023. DOI:

10.55905/oelv21n12-161. Disponível em:
<https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/2554/1790>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PROJETO TRIBOS. **3 Corações: Cultivado por indígenas**. Projeto Tribos, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://projetotribos.com.br/cafeicultores>. Acesso em: 21 jul. 2025.

PROJETO Tribos registra feito histórico e reconhece café 100 pontos com iniciativa que valoriza cultivo de grãos 100% Robusta Amazônico por indígenas. **Revista Cafeicultura**, Rio Paranaíba, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://revistacafeicultura.com.br/projeto-tribos-registra-feito-historico-e-reconhece-cafe-100-pontos-com-iniciativa-que-valoriza-cultivo-de-graos-100-robusta-amazonico-por-indigenas/>. Acesso em: 5 maio 2026.

REVISTA CAFÉS DE RONDÔNIA: o mundo do café na Amazônia. Porto Velho: Embrapa Rondônia, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/rondonia/cafes-de-rondonia>. Acesso em: 12 out. 2025.

REVISTA CAFÉS DE RONDÔNIA: sabor e qualidade que vêm da Amazônia. Porto Velho: Embrapa Rondônia: SEBRAE, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em:
<https://www.embrapa.br/en/rondonia/cafes-de-rondonia>. Acesso em: 12 out. 2025.

RODRIGUES, Vanda Gorete Souza *et al.* Sistemas Agroflorestais com Cafeeiro. In: MARCOLAN, Alaerto Luiz; ESPINDULA, Marcelo Curitiba (ed.). **Café na Amazônia**. Brasília, DF: Embrapa, 2015. p. 435-445. Disponível em:
<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1023755>. Acesso em: 8 ago. 2025.

RONDÔNIA. Lei nº 5.722, de 4 de janeiro de 2024. Declara o Café Robusta da Amazônia Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado de Rondônia. **Diário Oficial do Estado de Rondônia**, Porto Velho, 4 jan. 2024. Disponível em:
<https://ditel.casacivil.ro.gov.br/COTEL/Livros/detalhes.aspx?coddoc=39747>. Acesso em: 12 maio 2026.

RONDÔNIA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico (Sedec-RO). Produção de Robusta Amazônico de Rondônia recebe reconhecimento nacional e internacional. **Portal do Governo do Estado de Rondônia**, Porto Velho, abr. 2026. Disponível em:
<https://rondonia.ro.gov.br/producao-de-robusta-amazonico-de-rondonia-recebe-reconhecimento-nacional-e-internacional/>. Acesso em: 5 maio 2026.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Organização de Paula Yone Stroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SAFRAS & MERCADO. Preços do café disparam em plena colheita em Rondônia. **Safras & Mercado**, [S. l.], 6 jun. 2024. Disponível em: <https://safras.com.br/precos-do-cafe-disparam-em-plena-colheita-em-rondonia/>. Acesso em: 5 maio 2026.

SAMPAIO, Wany; SILVA, Vera da. **Os povos indígenas de Rondônia**. Porto Velho: Editora UNIR, 1997.

SCHNEIDER, Sergio; CASSOL, Abel. **A agricultura familiar no Brasil**. Santiago: Rimisp, 2013. (Serie Documentos de Trabajo, n. 145). Disponível em: https://www.rimisp.org/wp-content/files_mf/1438617722145AgriculturaFamiliarBrasil_ShneiderCassol_editado.pdf. Acesso em: 17 nov. 2025.

SEBRAE. Em Rondônia, povo Paiter Suruí mescla preservação ambiental e empreendedorismo de ponta. **Agência Sebrae de Notícias**, Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/cultura-empresendedora/em-rondonia-povo-paiter-surui-mescla-preservacao-ambiental-e-empresendedorismo-de-ponta/>. Acesso em: 5 maio 2026.

SILVA, Renata Kelly. **Pesquisa ajuda indígenas a produzir café com qualidade**. Brasília, DF: Embrapa, 18 abr. 2019. Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias/-/noticia/42727299/pesquisa-ajuda-indigenas-a-produzir-cafe-com-qualidade>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SILVA, Renata Kelly da *et al.* **Desenvolvimento de um modelo de identidade de marca para indicações geográficas**: uma aplicação à IG Matas de Rondônia. São Paulo: USP, 2022. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1151683>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SURUÍ, Gasodá; SILVA, Adnilson de Almeida; RODRIGUEZ, Martin Ignacio Torres. Povo Paiter e a utilização de tecnologias para a gestão da Terra Indígena Sete de Setembro, RO. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 264-278, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/11082/pdf>. Acesso em: 28 jul. 2025.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

VILLARES, Luiz Fernando. **Direito e povos indígenas**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZACHARIAS, Aline Oliveira *et al.* **Modelo de negócio**: cafés especiais robustas amazônicos. Brasília: Embrapa: Sebrae, 2021. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1135107>. Acesso em: 6 nov. 2025.